



Algumas inscrições latinas, em tradução e anotações

Pedro Paulo A Funari¹

RESUMO:

A partir de uma perspectiva crítica da tradução, segundo uma postura atenta aos aspectos históricos latente nos textos originais, buscou-se fazer uma tradução de três documentos epigráficos latinos. O primeiro trata-se de uma tábua relativa a um banho público em Vipasca, na Lusitânia romana. Os dois últimos se referem a documentos militares provenientes de Vindolanda, na Bretanha romana. Ao se referirem aos procedimentos de uma literatura oficial e darem conta da construção da identidade de seus interlocutores, os fragmentos revestem-se de interesse para os estudiosos do mundo romano.

Palavras chave:

epigrafia romana – tradução – tábuas de Vipasca – tábuas de Vindolanda

ABSTRACT:

Using a critical approach to translation, taking into account historical aspects in the original version, three Latin inscriptions are translated and commented upon. The first one is a tablet from Vispasca, from Roman Lusitania, relating to a public bath. The other two refer to military tablets from Vindolanda, from Roman Britain. The inscriptions refer to official procedures but also to processes of identity building, so that they are of special interest for those concerned with the Roman world.

Key-words:

Roman epigraphy – translation – Vipasca tablets – Vindolanda tablets.

¹ Professor Titular, Universidade Estadual de Campinas, Coordenador do Centro de Estudos Avançados da Unicamp e pesquisador do CNPq.



Há pouco, José Antônio Dabdab Trabulsi, chamou atenção para alguns aspectos e limites para o conhecimento histórico, relevantes para qualquer circunstância, e tanto mais, quando buscamos retornar ao passado por meio de documentos originais antigos vertidos para um idioma moderno. Dabdab propõe que:

L’histoire, selon un mot sublime de De Sanctis, plutôt que maîtresse de la vie, en est sa disciple; l’Histoire est un étrange mélange de connaissance et d’opinion, d’où il ne sera jamais possible d’extirper la partie que relève de l’opinion; et, ne pouvant jamais extirper la partie que relève de l’opinion, il ne sera jamais possible d’accéder à la vérité.

A História, segundo uma definição sublime de De Sanctis, antes que mestre da vida, é sua discípula; a História é uma estranha mescla de conhecimento e opinião, do qual nunca será possível retirar a parte relativa à opinião; e, não podendo extirpar a parte da opinião, nunca será possível chegar à verdade (TRABULSI, 2011, p. 15).

Se não há verdade absoluta, como traduzir? Isso dependerá da postura epistemológica do tradutor, dos objetivos a serem atingidos pelo estudo da linguagem. A partir de uma perspectiva interessada nos aspectos históricos, nos contextos das relações sociais e de poder, pode valorizar-se uma postura atenta às nuances relativas à historicidade latente nos textos originais e em como podemos tentar, de alguma maneira, recriar essas características em outra língua e em outro contexto histórico em tudo diverso. Uma abordagem histórica, na lide do tradutor, pode revestir-se de um caráter definidor da sua estratégia analítica².

² Cf. Edoardo Sanguineti, alla presentazione del volume “Teatro antico”, Palermo, Facoltà di Lettere e Filosofia, 27 marzo 2007: *Come vedete il discorso rinvia a questa specie di **storicismo assoluto** che è la mia posizione di base, la mia ideologia, e che si può ripercuotere anche in un minimo dettaglio traduttivo* (grifo acrescentado); “como podem ver, o discurso refere-se a este tipo de **historicismo absoluto** que é a



Na teoria social, em geral, e nos estudos linguísticos, em particular, tem havido crescente preocupação com questões relativas à identidade, interação, narrativa e ideologia da linguagem, de forma a relacionar os estudos linguísticos às outras disciplinas. O interesse em capturar os liames, às vezes tênues, entre processos e estruturas institucionais mais amplas e os detalhes textuais dos contatos diários produziu uma gama de projetos que começam por preocupar-se com a definição teórica da própria abordagem. A pergunta que se faz é “como o estudo da linguagem pode contribuir para a compreensão deste fenômeno sócio-cultural específico (e.g. formação de identidade, nacionalismo, globalização)?”. Este tipo de questões considera a língua como um instrumento para ter acesso a processos sociais complexos. O linguista estuda temas também perscrutados por antropólogos ou historiadores, como os processos de construção e transformação de identidades. As características dessa postura são as seguintes:

Objetivos: o uso das práticas linguísticas para documentar e analisar a reprodução e transformação das pessoas, instituições e comunidades, no tempo e no espaço;

A língua como objeto: uma expressão recheada com valores ideológicos e outros;

Unidades de análise preferidas: prática da língua, contextos de participação, identidades;

Questões teóricas: liames micro-macro (encontros corriqueiros), heteroglossia, integração de diferentes fontes semióticas, intertextualidade, formação e negociação de identidades, narratividades e ideologias da linguagem;

Métodos preferidos de coleta de dados: análise sócio-histórica, documentação audiovisual de encontros específicos, com particular atenção para a momentânea negociação de identidades, instituições e comunidades.

minha posição de base, minha ideologia e que pode repercutir até mesmo nos mais mínimos detalhes de tradução”.



Não menos relevantes têm sido as discussões em âmbito histórico, literário e filosófico. A busca do estranhamento na tradução tem sido importante para mostrar as diferenças insuperáveis entre o texto de outro lugar, espaço e cultura e, nesta direção, parece correto Edoardo Sanguineti:

La traduzione è un lavoro di travestimento. L'artificio nella traduzione rende evidente che la cultura di Sofocle o di Aristofane non è la nostra cultura. Io sono contro la formulazione dei classici come nostri contemporanei, non amo puntare sul sentimento di familiarità o di empatia, ma sul senso di spaesamento: a me interessa sottolineare l'esotismo di tempo e spazio, il fatto cioè che tutte le categorie, dall'amore alla morte, oggi funzionano in modo radicalmente diverso rispetto all'antica Grecia o all'antica Roma. Bisogna rendere evidente che con i classici siamo in un altrove che non ci appartiene, siamo di fronte a uomini che dispongono di altre strutture mentali. Sottolineare la nostra distanza rispetto ai classici suggerisce che la storia e gli uomini son modificabili, e se il mondo non è eternamente uguale a se stesso, anche il presente è modificabile. Per questo il tradurre deve evidenziare l'artificio con cui realizzo il passato e non perpetuare l'idea di un tempo immobile, l'idea che la storia in fondo è passata invano.

A tradução é um trabalho de fingimento. O artifício na tradução torna evidente que a cultura de Sófocles ou de Aristófanes não é a nossa cultura. Sou contra a formulação dos clássicos como nossos contemporâneos, não gosto de ressaltar o sentimento de familiariedade ou de empatia, mas no sentido de algo estar fora do lugar: para mim, interessa mostrar o exotismo do tempo e do espaço, o fato que todas as categorias, do amor à morte, hoje funcionam de modo radicalmente diverso em relação à antiga Grécia



ou Roma. É necessário tornar evidente que com os clássicos estamos em um outro lugar que não nos pertence, diante de pessoas com outras categorias mentais. Sublinhar a nossa distância em relação aos clássicos sugere que a História e os homens são modificáveis, e se o mundo não é sempre igual a si mesmo, também o presente é passível de mudança. Por isso, a tradução deve evidenciar o artifício com o qual reconstruo o passado e não perpetuar a ideia de um tempo imóvel, a noção de que a História, no fundo, passou em vão.

Apresento, a seguir, documentos de duas províncias romanas fronteiriças, Lusitânia e Bretanha, referentes à vida regrada das minas e dos acampamentos, respectivamente, a partir dos pressupostos mencionados.

Fragmento de um documento lusitano

A Lusitânia romana possuía diversas minas e, em Aljustrel, uma mina de cobre localizava-se no povoado Vipascum ou Vipasca. A área mineira de Vipasca era administrada por um *procurator et rationalium uicarius*. Entre 1876 e 1906 encontraram-se placas de bronze contendo a legislação que vigorava no distrito à época de Adriano (117-138 d.C.). Os diversos serviços públicos de Vipasca, com o banho mencionado no trecho reproduzido e traduzido a seguir, constituíam monopólios, que o procurator entregava a administradores privados mediante o pagamento de uma renda. O fragmento abaixo faz parte da tábua encontrada em 1876, hoje desaparecida. O texto foi originalmente publicado no *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, 5181, por Aemilius Hübner. A reconstituição do texto, aqui adotada, foi realizada por José d'Encarnação, em *Inscrições Romanas do Conuentus Pacensis*. Sobre a Epigrafia latina, pode consultar-se de Raymond Bloch, *L'Épigraphie Latine*.



Trata-se de um documento oficial, publicado para conhecimento geral, utilizando um vocabulário técnico, de cunho jurídico e uma grafia conservadora. Na transcrição, seguindo a praxe da edição epigráfica, os sinais <> são usados para acrescentar trechos que faltam no original, enquanto os sinais () são utilizados para completar palavras abreviadas.

A tradução procurou afastar-se pouco do original latino, tendo em vista o caráter técnico do texto. Alguns termos, assim, merecem breve menção. Conductor foi traduzido por “arrendatário”, por tratar-se, precisamente, de um arrendamento. Serui Caesaris, traduzido, em geral, por “escravos imperiais”, foi vertido pelo pouco usual “escravos de César” a fim de ressaltar a ligação do escravo com o estado, fato ressaltado na mesma oração pela expressão qui procuratori in officis erunt, “que estiverem a serviço do procurador”. O texto apresenta, como é comum em epígrafes, termos que não são encontrados na tradição literária e cuja interpretação é hipotética. Mencionem-se os seguintes: rana, que pode significar uma rã esculpida na parede para determinar a altura que a água devia atingir ou que pode ser um termo técnico que não sobreviveu nos vernáculos; ostile, um hapax, provavelmente ligado a ustilis, derivado de uro (“queimar”). A grafia de alguns vocábulos tampouco é clássica, como aliut por aliud, ou siquid por siquis.

O documento reveste-se de interesse, também, por referir-se ao cuidado com o funcionamento dos banhos. Nota-se divisão de homens e mulheres no uso das instalações, reservando-se para estas o período matinal, quando a água estava quente. Observe-se, ainda, a cobrança que colocava escravos e libertos imperiais em condições de vantagem, em relação aos pobres, em geral.

Embora um texto técnico, as Tábuas de Vipasca representam bem uma imensa literatura oficial, em parte preservada em inscrições e, só por isso, merecem a atenção dos estudiosos do mundo romano.



Balnei fruendi. Conductor balinei sociusue eius omnia sua inpena balineum, <quod ita conductum habe>bit in pr(idie) k(alendas) lul(ias) primas omnibus diebus calfacere et praestare debeto a prima luce in horam spetim<am diei mulieribus> et ab hora octaua in horam secundam noctis uiris arbitrato proc(uratoris) qui metallis praeerit. Aquam in <aenis usque ad> summam ranam hypocaustis et in labrum tam mulieribus quam uiris profluentem recte praestare debeto. Conductor a uiris sing(ulis) aeris semisses et a mulieribus singulis aeris asses exigit. Excipiuntur liberti et serui <Caes(aris) qui proc(uratori)> in officis erunt uel commoda percipient, item inpuberes et milites. Conductor socius actorue eius <balineum et instrumen>ta omnia quae ei adsignata erunt integra conductione peracta reddere debeto nisi si qua uetustate c<orrupta erunt>. Aena quibus utetur lauare tergere unguereque adipe e recenti tricensima quaque die recte debeto. <Si uis maior per aliquod tempus inpedi>erit, quo minus lauare recte possit, eius temporis pro rata pensionem conductor reputare deb<eto. Praeter> haec et siquid aliud eiusdem balinei exercendi causa fecerit reputare nihil debebit. Conductor ue<ndere ligna> nisi ex recisaminibus ramorum quae ostili idonea non erunt ne liceto. Si aduersus hoc quid fecerit, in singul<as uenditiones HS. (sestertios)> centenos n(ummos) fisco d(are) d(ebeto). Si id balineum recte praebitum non erit, tum proc(uratori) metallorum multam conductori quo<ti>ens recte praebitum non erit usque ad HS (sestertios) CC (ducentos) dicere liceto. Lignum conductor repositum omni tempore habeto, quod diebus <satis sit>.

Sobre o uso do Banho. O arrendatário do Banho ou o seu sócio deve prover a calefação da sala de banho, inteiramente às suas custas, todos os dias, até à véspera das calendas de Julho, e tê-la em condições de uso, para as mulheres, desde o alvorecer até à sétima hora do dia e, para os homens,



desde a oitava hora até à segunda hora da noite, a juízo do procurador que estiver no comando das minas. Deverá encher de água, corretamente, as caldeiras de bronze até o topo da rã e fazê-la fluir para a banheira, tanto para as mulheres como para os homens. O arrendatário cobrará aos homens meio asse, cada um deles, e um asse a cada mulher. Excetuam-se os libertos e os escravos de César a serviço do procurador ou que dele recebam retribuição, bem como os impúberes e os soldados. O arrendatário, seu sócio ou agente, deve entregar íntegros o Banho e todas as instalações que lhe tiverem sido confiadas, quando terminar o prazo de arrendamento, excetuando-se o que se tiver deteriorado com o tempo. Deverá, a cada trinta dias, lavar, polir e untar, com gordura fresca e com cuidado, as caldeiras de cobre em uso. Se por motivo de força maior e por um tempo determinado, o Banho não puder ser convenientemente utilizado, dever-se-á conceder ao arrendatário uma indenização proporcional ao período de interdição. Excetuando-se este caso e se precisar fazer algo para o uso do Banho, não terá direito a indenização alguma. Não é permitido ao arrendatário vender lenha, a não ser que sejam ramos impróprios para a queima. Se fizer algo em desacordo com esta determinação, terá de pagar ao fisco cem sestércios por cada venda ilegal. Se a sala de banho não estiver em boas condições, então o procurador das minas poderá aplicar ao arrendatário uma multa, quantas vezes ocorrer de não estarem bem mantidas, até o valor de duzentos sestércios. O arrendatário sempre terá armazenada lenha suficiente para...dias.



Documentos militares da Bretanha romana

A partir dos aspectos teóricos esboçados (DURANTI, 2003, pp. 323-347, especialmente, páginas 332-333), pode estudar-se a elaboração de discursos como o castrense e propor uma tradução que tente dar conta da construção e negociação de identidade própria e específica. Para isso, apresento dois documentos epigráficos provenientes de Vindolanda, na Bretanha romana, acampamento militar ao norte da província romana. Representam bem a expressão latina militar de início do segundo século d.C. O latim vulgar, já há algumas décadas, como atestado pelas inscrições parietais pompeianas, apresentava características muito particulares, em clara direção às línguas românicas, tanto no vocabulário, como na sua sintaxe. O latim, contudo, além de manter-se como língua erudita, encontrou no exército romano a instituição mais propícia à propagação de uma língua de comunicação. O latim militar não se preocupava com o conhecimento literário, como era o caso do latim erudito, nem tampouco era uma língua materna. Devia servir como elemento de comunicação para o exército, como um idioma comum ou *koiné*. Tal língua aparece bem nas tabuinhas recolhidas aqui.

A primeira é uma *littera commendaticia*, ou carta de recomendação que retrata bem como a administração romana, de caráter militar, fundava-se em relações pessoais e, portanto, na recomendação, na concessão de um favor (*subscribere*, como aparece, tardiamente, em Tertuliano, Idol.13). A cidade de Luguualium (atual Carlisle) estava sob o comando de um militar (*centurio regionarius*), Ânio Equestre e, na carta, Cláudio Caro indica o amigo Brigônio, sem que, no entanto, mencione qualquer mérito do protegido. Como argumento, afirma que ficarão devedores, tanto o recomendante como o recomendado e deverão - está implícito - retribuir o favor concedido.

A segunda é uma carta de dois comandantes, Niger e Broco, ao colega estacionado em Vindolanda, Cereal. Niger parece ter sido *praefectus* em Bremetennacum e Broco em Briga, acampamentos distantes um do outro. Enquanto



na carta anterior o oficial superior era chamado de ‘senhor’ (*domine*), nesta, como são todos comandantes, usam ‘irmão’ (*frater*), para indicar o companheirismo dos militares e, ao final da carta, adicionam ‘senhor’ para indicar que, apesar de colegas, Cereal era o comandante de sua unidade (*dominus*). O tema a ser tratado no encontro de Cereal com o governador (*consularis*) não está explicitado, o que pode ser explicado pelo caráter sigiloso das conversas entre os militares, de modo a evitar que informações confidenciais pudessem chegar às mãos de outras pessoas, inclusive de potenciais inimigos. Qual o objetivo da carta, então? Trata-se do apoio político dos dois colegas à sua conversa com o governador, expresso nos votos conjuntos de rezarem pelo colega.

Flávio Cereal era prefeito da oitava coorte dos batavos, enquanto Cláudio Caro pode ser desconhecido ou ser identificado como Júlio (não Cláudio) Caro, mencionado em inscrição em Cirene como *ex prouincia narbonensi, praefectus cohortis ii Asturum*. Brigônio é um nome celta (provavelmente, derivado da raiz *brig*, ‘colina’, ‘aldeia’, como em Conimbriga e, neste caso, o nome seria algo como ‘aldeão’). Ânio Equestre era *centurio legionarius* (esta é a mais antiga atestação deste cargo militar romano), originalmente na *legio IX Hispana*, que servia em Eburacum (York), tendo sido antes, com probabilidade, centurião auxiliar da *cohors viii Batauorum*. Níger parece ter sido *praefectus* em Brementennacum, talvez no comando da *ala ii Asturum*. Broco, nome de possível origem itálica, deve ser C. Aelius Brocchus que dedicou um altar a Diana em Arrabona, na Panônia, quando era prefeito da cavalaria (CIL III 4360). Os comandantes são, portanto, homens que atuaram em diversas partes do império e, como era usual, no comando de tropas de variadas origens étnicas. Brigônio, por sua parte, parece ser um habitante local bem integrado ao exército romano. O latim utilizado, portanto, era a língua de comunicação militar, com o uso de jargão profissional (como a referência aos oficiais da mesma patente com o termo *frater*, ‘irmão’), de fórmulas de comunicação oficial militar estereotipadas (como *opto + inf.*, que se usa de praxe).



Como manter esse registro castrense e esse caráter de língua de comunicação do latim das cartas aqui apresentadas? Parece-me que convém manter uma linguagem portuguesa distanciada do quotidiano falado, com frases um tanto tortas ou empoladas (como ‘serei colocado como devedor’).

Carta de recomendação (Vin.Tab. 22, c. 100 d.C.)

Claudius Karus Ceriali suo salutem.

Brigonius petit a me, domine, ut eum tibi commendaret. Rogo ergo, domine, si quot a te petierit ut uelis ei subscribere. Annio Equestri centurioni regionario Luguualio rogo ut eum commendare digneris eius meoque nomine debetorem me tibi obligaturus. Opto te felicissimum bene ualere. Vale, frater.

Cláudio Caro para seu Cereal, saudações.

Brigônio pediu-me, senhor, que o recomendasse para ti. Peço, assim, senhor, que, se te pedir algo, dê a ele sua aprovação. Peço que o considere digno de recomendação a Ânio Equestre, centurião encarregado da região de Luguvalio e, desse modo, serei colocado como devedor em meu nome e em nome dele. Espero que estejas muito bem e em boa saúde. Saudações, irmão.



Saudação de um colega (Vin.Tab. 21, 103 d.C.)

Niger et Brocchus Ceriali suo salutem.

Optamus, frater, it quot acturus es felicissimum sit. Erit autem, quom et uotis nostris conueniat hoc pro te precari et tu sis dignissimus. Consulari nostro utique maturius occurs.

Optamus, frater domine, te bene ualere in honore esse.

Níger e Broco para seu Cereal, saudações.

Esperamos, irmão, que o que estás por fazer tenha o melhor êxito. Será, na verdade, pois está de acordo com nossos votos de rezar por ti e tu es o mais digno. Encontrarás nosso governador o quanto antes.

Esperamos, irmão e senhor, que estejas em boa saúde e bem quisto.

Conclusão

Os documentos latinos referem-se a realidades, ao mesmo tempo, próximas e distantes de nossa compreensão contemporânea. Por um lado, aspectos do asseio e da vida castrense parecem-nos assimiláveis à nossa experiência, mas, imediatamente, somos levados a todo um universo cultural diverso do nosso. A sociabilidade nos banhos ou as hierarquias embutidas nesses fragmentos mostram-se muito particulares e sem correspondência direta com nossas práticas e clivagens sociais. Um inventário das diferenças constitui esforço primeiro do estudioso do passado, preocupado, muitas vezes sem que se dê conta, com suas próprias realidades. Tornar óbvias as diferenças parece ser necessidade essencial para o estudioso de outros modos de vida.



Agradecimentos

Agradeço a Raoni Cordeiro, José Antônio Dabdab Trabulsi, João Batista Toledo Prado e Margareth Rago, assim como menciono o apoio institucional do Grupo de Pesquisa Arqueologia Histórica Unicamp/CNPq, CNPq e FAPESP. A responsabilidade pelas idéias restringe-se ao autor.

Bibliografia

BLOCH, Raymond. L'Épigraphie Latine (col. "Que sais-je?" 534). Paris: PUF, 1952

D'ENCARNAÇÃO, José. Inscrições Romanas do Conuentus Pacensis: Subsídios para o Estudo da Romanização. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1984.

DURANTI, Alessandro. Language as culture in U.S. Anthropology. Current Anthropology. Merced, 44, 3, 2003.

TRABULSI, José Antônio Dabdab. Le Présent dans le Passé, Autour de quelques Périclès du XXe. Siècle et de la possibilité d'une vérité en Histoire. Besançon: Presses Universitaires de Franche-Comté, 2011.